

A REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA DE VIAJANTES DO SERTÃO GOIANO NO SÉCULO XIX

Bruna Gabrielle Nascimento Fernandes 1,

1 Graduando do curso de História do Campus Anápolis de CSEH/UEG.

Introdução

Este trabalho é a resultância da pesquisa científica PIBIC/CNPq com o nome: Representações do Sertão Goiano na Literatura dos Primeiros Viajantes no Século XIX. Onde as representações são analisadas de forma minuciosa, pois as mesmas possuem suas peculiaridades, são feitas para um propósito, e sem neutralidade seja ele político, social e econômico, os relatores utilizam de suas representações para legitimar ou fundamentar para os indivíduos escolhas, condutas, teorias equivalentes a uma cultura, um objeto, entre outros, Chartier (1990), tendo como objetivo refletir sobre a relação e a voz do relator no texto.

A literatura dos viajantes na qual é permeada da experiência do viajante, sensações, o imaginário, possuem uma estética, com o a finalidade de investigar as representações construídas pelos relatos de viajantes estrangeiros e brasileiros a respeito da categoria sertão na Província de Goiás ao longo do século XIX, conjuntamente com a categoria de belo e do sublime Naxara (2004), desenvolver uma análise que verifique as semelhantes e diferentes nuances do Cerrado goiano: a visão da natureza e do homem, da fauna e da flora, do sertão e da cidade.

Referencial Teórico

O objetivo é analisar as representações na literatura dos viajantes no sertão goiano no século XIX. Ao interpretar as representações, levamos em conta o sujeito que relatou, pois o viajante é permeado de sensibilidade, sensações, ele leva consigo suas experiências, expectativas, possuem todo um imaginário que envolve o relator, pois eles tendo contato com outras obras e conceitos criados por aqueles que os antecederam, então formam pensamentos, chegam com imagens formadas e ao se deparar com a realidade, permeados com todos esses aspectos fazem o seu recorte da realidade, que mais lhe convém a relatar.

O ser heroico, protagonista dos relatos que no início de suas obras, se colocam como o sujeito que desbravará o desconhecido, com conceitos já pré-estabelecidos como por exemplo SERTÃO - para eles com o sentido de lugar distante, desértico, com animais e habitantes selvagens - (indígenas - autóctones do Brasil como estranhos perante o viajante) Naxara (2004), colocam o sertão numa perspectiva negativa, e que eles com sua coragem, desbravam o desconhecido, e colocam o sertão em oposição ao LITORAL, o litoral seria não apenas como uma extensão de terra junto ao mar, mas o lugar civilizado, colonizado ou em colonização, um lugar de cultura e de cristandade - Amado (1995). Na realização da viagem com os percalços que em sua maioria ocasionados por fenômenos da natureza, o clima - sol ardente, chuvas torrenciais, fauna, vegetação, moléstias, caminhos intransitáveis, carrapatos, serpentes - eles enaltecem que mesmo com essas intempéries continuam a viagem, superam pelo bem da ciência, do país e do ser humano.

Ao representar a realidade utilizam de recursos estéticos o belo / pitoresco e o sublime em seu texto. O belo e pitoresco sendo a busca da escala precisa e do equilíbrio entre os elementos por eles representados, o sublime uma forma de provocar sensações fortes, de forma hiperbólica Naxara (2004): "A mudez das solidões, o silêncio dos desertos, mistérios tenebrosos de uma natureza selvagem... eis o mundo em torno do nosso bote", Moraes (1995) p. 145. Quando se deparam com a grandiosidade da natureza, com a fauna e flora, com o exótico, as dificuldades, com o brasileiro, o sertanejo goiano - Sussekind (1990), indígena, portugueses e descendentes, mestiços, com a pobreza e miséria, moléstias, utilizam desses recursos estéticos para representar a realidade. Representações que serão utilizadas por brasileiros, estrangeiros, governadores da província - pessoas políticas - e historiadores sobre o sertão goiano no século XIX.

Metodologia

Pesquisa de revisão bibliográfica, livros dos viajantes Saint-Hilaire (1975) , Pohl (1976), Gardner (1975), Leite Moraes (1995) e Augusta Curado (1896), leitura minuciosa, crítica e analítica, e sobre o tema Cientificismo e Sensibilidade Romântica - Naxara (2004) que trabalha com o pensamento humano científico no século XIX, juntamente sobre práticas e representações - Chartier (1990) entender e como realizar as análises das representações, além

disso a cerca da representação do Sertão - Amado (1995), conceito utilizado pelos viajantes em suas obras, e em relação aos caminhos dos viajantes, o historiador e a literatura de viajantes - Chaul (1997), e ainda sobre o sertanejo que é representado pelos viajantes e em Sussekind (1990) analisar quem era o sertanejo, linguagem e experiência - Franco (2009) base teórica sobre subjetividade, experiência, relação história e filosofia, realizou-se leituras e fichamentos dos livros e artigos científicos, de forma crítica-analítica.

Resultados e Discussões

Através da viagem pelos viajantes podemos perceber, como experiência humana, que ao se deparar com o desconhecido, com os valores culturais, com as pessoas, tem se a reflexão sobre os mesmos, e ao representar essa reflexão do que se presenciou e concluiu a respeito podemos ter ideia de como era o pensamento humano e as relações que propuseram a formar esse pensamento.

Na literatura de viagens sobre o Brasil no século XIX, o historiador se depara com um universo subliminar, subjetivo, que engloba essas obras, na qual precisa procurar uma forma analítica que possa identificar o que está nas entrelinhas do texto. E ao mesmo tempo que o texto é subjetivo o próprio historiador o é, contudo, outro ponto que o historiador se depara é com ele mesmo, por que ao analisar as representações, tendo em si suas experiências, seus conceitos, pode vir a fazer julgamentos e também representações sobre os viajantes que não lhe fazem juz, por isso o historiador tem que entender sua subjetividade, seus conceitos, a frente do objeto a ser analisado. Olhar internamente para as representações e a realidade, levá-las para a teoria que estuda a literatura de viagens, que não será a leitura de textos apenas informativos ou históricos, mas um texto científico com subjetividade.

A leitura das representações de forma minuciosa, do porquê da utilização de determinados conceitos, signo, nas obras de cada viajante nos revela a relação que os viajantes tinham da linguagem e a colonização, o processo de exploração, do sertão goiano, os valores culturais, a sensibilidade, relação com o pensamento científico, construindo então uma representação do sertão goiano no século XIX aos seus olhos.

Conclusão

Portanto o olhar do viajante, não é o relato fiel da realidade, pois o mesmo é subjetivo, subliminar, aspectos esses que irão permear as suas obras, nas suas escolhas, na forma de pensar, no recorte da realidade. Ao analisar as obras o historiador também sendo um ser subjetivo, para não fazer julgamento, procura uma forma de analisar a literatura de viagens para não reproduzir conceitos e informações históricas, que muitos deles estão baseados em conceitos eurocêtricos, de progresso, civilização, superioridade racial, para que não se represente a realidade de forma distorcida do que foi o sertão goiano no século XIX. Estudar as representações não será apenas uma análise das obras, mas uma análise do pensamento humano da época, em um contexto histórico, análise do próprio historiador e sua subjetividade, pontos esses que fazem partes de toda análise das representações.

Referências

- AMADO, J. Ponto de vista – Região, sertão, nação. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, p. 145-151.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHAUL, N. N. F. Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.
- GARDNER, G. Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do Ouro e do Diamante, nos anos de 1836 a 1841; tradução de Milton Amado, apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.
- GODOY, Maria Paula Fleury. Apresentação. In: CURADO, Augusta de Faro Fleury. Do Rio de Janeiro a Goiás (1896): a viagem era assim. Goiânia: Kelps/UCG, 2005.
- MORAES, J. A. Leite. Apontamentos de Viagem / J. A. Leite Moraes; introdução, cronologia

e notas Antônio Candido. - São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004. 328p.

POHL, J. E. Viagem no interior do Brasil. Tradução Milton Amado e Eugênio Amado. São Paulo: EDUSP, 1976.

SAINT-HILAIRE, Auguste de, 1779-1853. Viagem à província de Goiás; tradução de Regina Regis Junqueira: Apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte. Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975

SUSSEKIND, F. O Brasil não é longe daqui – o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.